

## LATIM «MACARRÓNICO» UMA BRINCADEIRA SÉRIA

*Custódio Magueijo\**

**C**omeço pela definição e pela etimologia, para o que me limitei a recorrer ao *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado.

**Macarrónico**, *adj.* Do it. *maccarrónico* ou *maccherrònico*. Séc. XVI: «... e em Latim mal composto, e meio *macarronico* me perguntou muytas cousas...» [Frei Pantaleão de Aveiro, *Itinerário da Terra Santa*, 1721].

**Macarronea**, *s.* Do it. *maccheronèa*, título de um poema jocoso do paduano Tifi Odasi (isto é, Miguel de Bartolomeu Odasi) (1450?-1492), escrito num latim estranho, constituído por palavras do dialecto vulgar falado pelo autor, mas com desinências e construções latinas; denominava-se *Macharonea* ou *Carmen Macaronicum de Patavinis* (1488).

Se a designação de *macarrónico* está datada e ligada ao poema burlesco *Macarronea* (1488), o «género» vem muito de trás: recordemos somente os *Carmina Burana*. Em épocas posteriores, não faltou quem se divertisse e divertisse graciosamente os outros escrevendo em «latim macarrónico».

---

\* Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Segundo a *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura* («Verbo»), «as principais obras em L. M. port. estão reunidas no vol. *Macaronea* latino-portuguesa [...] que alguns poetas de bom humor destilaram do alambique da cachimónia para desterro da melancolia».

Uma das obras deste «género» mais famosas entre nós talvez seja o *Palito Métrico*, do Padre João da Silva (sob o pseudónimo de António Duarte Ferrão).

Se, de facto, algumas vezes, por ignorância ou necessidade de comunicação (ou as duas juntas), certas pessoas (como aquela que refere Frei Pantaleão de Aveiro) se «abalancham» a comunicar num latim que mal conhecem, por outro lado, temos exemplos abundantes de autênticas obras literárias, de gosto e humor mui refinados, escritas *assim mesmo* por quem conhece bem a língua latina. Não se trata, neste caso, de um «Latim mal composto», pois essa língua (quem duvida que seja *língua?*), rigorosamente, não é latina, mas uma língua *artificial* (e não tanto artificial), que mistura, sem as confundir, diversas estruturas de duas línguas. O vocabulário é em parte (ou por «coincidência») latino, e noutra (boa) parte vernáculo (é aqui que geralmente está o «sabor» mais picante); a fonética, essa, também só excepcionalmente e por «coincidência» é latina, pois os poetas e prosadores «macarrónicos» não hesitam em incluir com fartura palavras que contêm fonemas estranhos ao latim: *honra, bisonhus, patranhas, encaixare, orelhas, chamabat...*; na morfologia e na sintaxe, reconhece-se claramente o saber latino do autor, e é precisamente por estes dois elementos que se convencionou chamar *latim* a esta forma linguística, aplicando-se o epíteto de *macarrónico* àquilo que não é (nem se pretendia que fosse!) latim.

Quer dizer: na designação *latim macarrónico*, o epíteto tem, objectivamente, sentido pejorativo, que recai sobre o perversor de uma língua tão nobre como é o latim. Na verdade, aquilo a que chamamos *latim macarrónico* também podia muito bem ser designado por *português macarrónico* (*francês macarrónico...*). Afinal, trata-se de uma língua híbrida, mais artificial que artificial, mas coerente e apta à comunicação.

O professor de Latim bem poderia, de vez em quando, servir-se de um ou outro texto em «latim macarrónico» e... dar-lhe umas «voltinhas», aproveitando para explicar um pouco de gramática histórica portuguesa e... métrica latina.

De facto, um dos aspectos importantes destas composições poéticas (sim, sim, poéticas) é a sua métrica geralmente impecável, que só poderia sair de autênticos latinistas.

Para não me alongar, apresento dois trechos exemplificativos. Um é o início do *Palito Métrico*; o outro é um extracto de um poema cujos primeiros quatro versos me ficaram na memória, mas que não sei identificar. Caso curioso, está escrito, não em hexâmetro dactílico, mas em saborosos dísticos elegíacos, obedecendo a todas as regras formais. Refere-se a um caso insólito que ocorreu em Coimbra: uma bela madrugada, a famosa, maldita e amaldiçoada *Cabra*, que rachara de tanto badalar, soltou um som achocalhado que fez rir toda a gente, mas que também teve artes de inspirar o poeta.

## ARGUMENTUM

*Describitur jornata cujusdam Calouri venientis ad  
Coimbram, et inde regressus ad suum casalem*

- a) Forté ad Coimbram venit de monte Novatus,  
 Ut matriculetur. Nomen, si rité recorder,  
 Jan-Fernandes erat. Patres misere, suorum  
 Ut post formatus Doctor foret honra parentum.  
 Pártitur é patris casa, valedicit amiguis;  
 Et buscat stradam, nostram quae guiat ad urbem.  
 Cumque ignota videt, passat quacumque, bisonhus  
 Omnia miratur; montes et flumina pasmat.  
 Seque Arrieiro virans, perguntat; at ille  
 Contat inauditas, illum empulhando, patranhas,  
 Encaixat quandoque petas, quandoque suorem  
 Monstrat, ut hic mediam mandet venire canadam.  
 .....  
 Nos quoque gens sumus et quoque cavalgare sabemus!  
 .....  
 .....  
 b) Quis sonus ad nostras chocalhi chegat orelhas?  
 Quaeve berimbai rauca soada venit?  
 Tunc olim cujus badali sonus acutus  
 Chamabat Lentes discipulosque simul  
 .....  
 .....